

Influência das remessas de emigrantes sobre o crescimento económico dos países insulares africanos no período 2006-2019

Alex Moreno Fortes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Economia
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Nome Pedro Cunha Neves

Covilhã, 11 de outubro de 2021

Nota Biográfica

Alex Moreno Fortes, nasceu na cidade da Praia, ilha de Santiago - Cabo Verde a 4 de novembro de 1989. Viveu toda a sua infância, adolescência e grande parte da sua juventude na zona de Achada S. Filipe no concelho da Praia. Aos 18 anos ingressou no Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais (ISCEE) situado na cidade da Praia em Cabo Verde onde efetuou a licenciatura em Gestão de Empresas e teve a sua conclusão em agosto de 2013. Em setembro de 2019, partiu do seu país que o viu nascer e crescer para residir em Portugal onde iniciou uma nova etapa académica. Assim sendo, ingressou na Universidade Beira Interior, cidade de Covilhã, distrito de Castelo Branco, com o intuito de realizar o mestrado em Economia.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha família, especialmente aos meus pais pelo apoio e suporte para o meu bem-estar no país que escolhi para fazer o meu mestrado.

Em segundo, agradeço a UBI pela oportunidade de continuar com os meus estudos, agradeço, também, ao FAS (Fundo de Apoio Social - UBI) pela bolsa de estudos atribuída, em que endereço um especial agradecimento à senhora Margarida pelo trabalho exemplar que tem feito.

Ao meu orientador Professor Doutor Pedro Neves pelo incansável apoio no que tange às orientações dos estudos e das pesquisas para que esta dissertação tornasse realidade.

Em terceiro, agradeço à minha prima, Anabela Fortes Moreno, pela motivação e sugestões de melhoria no meu trabalho e a todos que ao longo dos anos partilharam as suas experiências, aprendizagens essas que contribuíram para fortalecer os meus conhecimentos.

Em último lugar, mas não menos importante, agradeço a todos que acompanharam o meu percurso académico.

Resumo

As remessas têm sido um influxo financeiro essencial para o crescimento e desenvolvimento de muitos países. Os fluxos de remessas para os países em desenvolvimento auxiliaram milhões de pessoas a saírem da pobreza, melhorar a saúde, a escolaridade e aumentar o rendimento das famílias. O objetivo principal deste estudo é examinar o impacto das remessas no crescimento económico para os seis (6) países insulares africanos, usando dados que vão de 2006 a 2019. No estudo estima-se que as remessas têm um impacto negativo sobre o crescimento económico, indicando um maior volume de remessas nesses países leva a uma menor taxa de crescimento económico. Além disso, o estudo examina se uma grande quantidade de remessas como fonte de fluxos de capital nos países insulares africano pode levar à apreciação da taxa de câmbio e prejudicar o crescimento económico dos mesmos, um fenómeno conhecido como doença holandesa. Os resultados deste estudo indicam que as remessas de emigrantes não têm impacto sobre a taxa de câmbio e rejeita a existência de doença holandesa nessas economias.

Palavras-chave

Países insulares africano; remessas de emigrantes; taxa de crescimento económico; taxa de Câmbio; doença holandesa.

Abstract

Remittances have been an essential financial influx to the growth and development of many countries. Remittance flows to developing countries have helped millions of people lift themselves out of poverty, improve health, education and increase household income. The main objective of this study is to examine the impact of remittances on economic growth for the six (6) African island countries, using data ranging from 2006 to 2019. In the study, remittances are estimated to have a negative impact on economic growth, indicating that a greater volume of remittances in these countries, leads to a lower economic growth rate. In addition, the study examined whether large amounts of remittances as a source of capital flows in African island countries can lead to exchange rate appreciation and harm their economic growth, a phenomenon known as Dutch disease. The results of this study indicate that remittances from emigrants have no impact on the exchange rate and reject the existence of Dutch disease in these economies.

Keywords

African island countries; remittances from emigrants; economic growth rate; exchange rate; Dutch disease.

Índice

Capítulo 1- Introdução.....	1
Capítulo 2 - Revisão de Literatura	3
2.1. Crescimento económico	3
2.1.1. Teorias de crescimento económico	3
2.1.1.1. Modelo de Harrod (1939): Dinamização do modelo Keynesiano	3
2.1.1.2. Modelo Neoclássica do Crescimento económico	4
2.1.1.3. Crescimento endógeno	5
2.1.1.4. Investigação e Desenvolvimento (I&D).....	6
2.2. Remessas de emigrante.....	7
2.3. Determinantes macroeconómico das remessas	7
2.4. Impacto macroeconómico das remessas	9
2.5. Efeitos das remessas no crescimento económico	10
2.5.1. Taxa de Câmbio e Doença Holandesa	11
2.5.2. Remessa, Pobreza e Desigualdade	13
2.5.3. Efeito da pandemia de Covid19 sobre as remessas e o crescimento	15
Capítulo 3 - Metodologia e Dados	16
3.1. Metodologia	16
3.1.1. Modelo empírico	16
3.1.1.1. Modelo 1 – Regressão de crescimento	17
3.1.1.2. Modelo 2 – Regressão das Remessas de Emigrantes	19
3.1.1.3. Modelo 3 – Regressão da Taxa de Câmbio Real	19
3.2. Dados.....	20
Capítulo 4 – Resultado e Discussão	26
Capítulo 5 – Conclusão e Implicações Políticas	30
Referências Bibliográficas	32

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Sinais hipotético de variáveis	18
Tabela 2 – Fonte de dados	21
Tabela 3 – Estatística descritiva resumida	21
Tabela 4 – Modelo de efeito aleatório do modelo 1.....	26
Tabela 5 – Modelo de efeito fixo do modelo 2.....	28
Tabela 6 – Modelo de efeito fixo do modelo 3.....	29

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução de taxa de crescimento e remessas em Cabo Verde	22
Gráfico 1 – Evolução de taxa de crescimento e remessas em Comores.....	23
Gráfico 1 – Evolução de taxa de crescimento e remessas em República de Maurícia....	23
Gráfico 1 – Evolução de taxa de crescimento e remessas em Madagáscar.....	24
Gráfico 1 – Evolução de taxa de crescimento e remessas em S. Tomé e Príncipe.....	25
Gráfico 1 – Evolução de taxa de crescimento e remessas em Seychelles.....	25

Lista de Acrónimos

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
UN DESA – The United Nations Department of Economic and Social Affairs
I&D - Investigação e Desenvolvimento
FMI - Fundo Monetário Internacional
OLS - Mínimos quadrados ordinários
S-GMM – Sistema de método generalizado de momentos
EUA- Estados Unidos da América
GDP/PIB – Produto Interno Bruto
REM – Remessas de Emigrante
GFCF – Investimento Direto Estrangeiro
SAV - Poupança
IRDF – Diferencial da Taxa de Juro
INV – Investimento Total
INF – Inflação
FCE - Despesa do Consumo Final
REER – Taxa de Câmbio
TOT – Termo de troca
RI – Taxa de Juro de mercado
RUSA – Taxa de Juro de Estados Unidos da América
COEF – Coeficiente

Capítulo 1

Introdução

Globalmente, segundo Keshri e Bhagat (2013), 214 milhões de pessoas, aproximadamente 3% da população mundial, são migrantes para outros e as remessas têm sido um influxo financeiro essencial para o crescimento e desenvolvimento de muitos países. As literaturas empíricas recentes obtiveram diferentes resultados quanto ao impacto das remessas de emigrantes sobre o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) per capita. Existem estudos para vários países e estudos para um único país ou pequenos grupos de países. Nos estudos dos pequenos países subdesenvolvidos e países em desenvolvimento médio, os efeitos positivos das remessas sobre o crescimento parecem aparecer com mais frequência do que nos estudos dos países desenvolvidos, assim sendo, o presente estudo concentrou-se nos pequenos países insulares africanos. De acordo com Bang e Wunnava (2016), o Banco Mundial estima que os fluxos de remessas para a África subsaariana aumentaram constantemente nas últimas três décadas, por volta de 0,5% do PIB regional em 1980 para mais de 2% em 2012. Segundo o projeto de migração para a África, liderado pelo Banco Mundial, os dados permitem identificar famílias com pelo menos um migrante e famílias que recebem remessas destinadas a despesas com bens e produtos básicos (Randazzo e Piracha, 2019). Estudo conjunto de UNDESA e OCDE (2013), mostra que as taxas mais altas de emigração para os países da OCDE são registadas por países pequenos e países insulares. Santos (2015) frisou no seu estudo que as remessas e a ajuda pública para o desenvolvimento são duas variáveis que se relacionam entre si e estão cada vez mais presentes no quotidiano da generalidade dos pequenos países insulares africano, sobretudo daqueles países que não dispõem dos recursos naturais valiosos. Deste modo, ele concluiu que as remessas são mais significativas em Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

O principal objetivo deste estudo é avaliar o impacto das remessas de emigrantes recebidos pelos países insulares africano no período de 2006 a 2019 e quais as suas repercussões a nível económico destes países. A questão de investigação é “até que ponto o crescimento económico dos países insulares africano está condicionado pelas remessas de emigrantes?”, para isso procedeu-se a uma revisão de literatura como suporte, para que fosse possível identificar a metodologia a utilizar. Foi estabelecido um modelo (modelo 1) que explica a linha de pensamento sobre como as remessas de

emigrantes afetam o crescimento dos países em estudo. O estudo também não deixou de estimar os parâmetros da relação entre a taxa de crescimento económico e o volume das remessas de emigrantes, sem determinar o impacto dos outros determinantes macroeconómico sobre as remessas de emigrantes (modelo). Seguindo a tendência das literaturas relacionadas com as remessas, o estudo procurou avaliar a hipótese de existência da doença holandesa na economia destes países por meio de apreciação de taxa de câmbio (modelo 3).

As principais conclusões deste estudo indicam que as remessas nos seis (6) países insulares africanos, entre o período 2006 e 2019, têm um impacto negativo sobre o crescimento económico. Segundo o resultado da estimação da relação entre remessas de emigrantes e outros determinantes macroeconómicos, o consumo final tem impacto positivo e significativo sobre as remessas. Além disso, ao avaliar a hipótese de existência da doença holandesa na economia dos países insulares africanos, o estudo constatou que as remessas são insignificantes a taxa de câmbio, ou seja, as remessas não têm impacto sobre a taxa de câmbio e pode-se concluir que o aumento das remessas não causa a doença holandesa via apreciação de taxa de câmbio nestes países. Este estudo contribui para complementar as literaturas existentes de duas maneiras: o contributo é considerar o efeito das remessas de emigrantes sobre a taxa de crescimento económico nos países insulares africanos e o segundo contributo é determinar a existência de doença holandesa via apreciação da taxa de câmbio nessas economias.

Neste capítulo pretende-se dar uma perspetiva geral do trabalho de investigação realizado. Na primeira parte apresentou-se o enquadramento e fundamentação do estudo assim como procurou-se evidenciar o seu principal objetivo. Na segunda parte procedeu-se com uma revisão da literatura de todos os possíveis assuntos implicados no estudo. De seguida e tendo em conta o objeto de estudo, abordou-se a metodologia a utilizar tendo em vista a obtenção de dados secundários para posterior análise e tratamento. Na última parte procedeu-se com a interpretação e discussão dos resultados e a conclusão do trabalho de pesquisa.

Capítulo 2

Revisão de Literatura

2.1. Crescimento económico

Na primeira seção aborda-se o conceito do crescimento económico e as principais teorias que explicam o crescimento económico. Assim sendo, Figueiredo et al. (2005) apresentou a definição do Simon Kuznets, prémio Nobel da Literatura, “O crescimento económico de um país pode ser definido como aumento a longo prazo da sua capacidade de oferecer à população bens económicos cada vez mais diversificados, baseando-se esta capacidade crescente numa tecnologia avançada e nos ajustamentos institucionais e ideológicos que esta exige”. Mediante a definição proposta pelo Kuznets, os autores identificaram três aspetos essenciais, primeiro, dimensão temporal com prioridade na dinâmica de longo prazo; segundo, aumento da oferta de produto e bens; e terceiro, progresso tecnológico e os correspondentes ajustamentos institucionais e ideológicos.

Afonso et al. (2019), referem-se na sua obra “Crescimento económico: uma abordagem moderna e novas tendências” que os economistas utilizam termo crescimento económico para referir ao aumento do produto real de um país. Os autores abordaram um ponto importante para esse estudo, quando é significativo o aumento do produto real per capital, o poder de aquisição de bens e serviços dos indivíduos aumentam, aumentando assim o seu bem-estar.

2.1.1. Teorias de Crescimento Económico

2.1.1.1. Modelo de Harrod (1939): Dinamização do modelo Keynesiano

De acordo com Figueiredo et al. (2005), os Keynes demonstraram que o equilíbrio macroeconómico não é necessariamente um equilíbrio de pleno-emprego e que, no curto prazo, são as alterações do lado da demanda agregada que determinarão as variações do produto de equilíbrio. Harrod, colaborador de Keynes desenvolveu um modelo teórico com o propósito de determinar as condições do equilíbrio dinâmico de curto e longo prazo. Para Harrod, a proposta central do equilíbrio dinâmico de curto prazo é a divergência entre a taxa de crescimento efetivo e a taxa de crescimento garantida (taxa de crescimento que satisfaça os empresários já que corresponderia as suas previsões). Harrod concluiu que para haver o equilíbrio dinâmico de curto prazo

no mercado de bens o crescimento efetivo tem que ser igual ao crescimento garantido, sendo que se o produto não aumentar, o investimento será zero, com o decorrer do tempo, quando o fator investimento cresce, o produto cresce a taxa garantida, desde que o equilíbrio entre o investimento e a poupança se mantenha de período para período. Por outro lado, quanto ao equilíbrio de longo prazo, Harrod refere-se às condições de utilização do fator trabalho, ele constatou que no longo prazo a disponibilidade em fator trabalho é um limite absoluto para o ritmo do crescimento económico, o equilíbrio dinâmico de longo prazo exige a plena utilização da capacidade produtiva e do trabalho.

2.1.1.2. Modelo Neoclássico do Crescimento económico

Neste tópico são abordadas as principais características do Modelo Neoclássico. O modelo neoclássico deve-se à análise feita por Robert Solow no seu artigo de 1956 sobre o equilíbrio de curto e longo prazo para confrontar a análise de Harrod. Segundo Afonso et al., (2019) a teoria de Solow é contruída por duas equações: a função da produção e a equação da acumulação de capital, a essência do modelo é demonstrar que o nível de produto real por trabalho depende positivamente do indicador capital por trabalho.

O vencedor do Prémio Nobel Robert M. Solow investigou a relação entre a estrutura de funções de produção e o capital físico. Solow (1956) propôs um modelo que descreve a dinâmica do capital físico e a evolução de longo prazo do processo de crescimento, levando em consideração o fator capital, trabalho e tecnologia. Em seu estudo, ele levou em consideração como o equilíbrio ou o desequilíbrio de longo prazo muda quando são considerados diferentes tipos de funções de produção. Solow também mostrou que, graças às funções de produção do modelo e o nível de poupança, o rendimento per capita pode crescer para sempre, com progresso técnico.

A economia conforme o modelo de Solow tem a tendência de crescer caminhando para o estado estacionário (steady-state), com o aumento do stock de capital físico. A partir desta observação, Solow (1956) teve as seguintes conclusões: (i) os países tendem a ser mais ricos quando a poupança é significativa, ou seja, esses países tendem a ter um stock de capital por unidade eficiente de trabalho mais elevado, em steady-state, o que lhes permitem ter um produto por unidade eficiente de trabalho mais elevado quando a economia se encontra em estado estacionário; (ii) países com alta taxa de crescimento da população tendem a ser mais pobres, estes países requerem uma poupança mais significativa para manter constante o stock de capital por unidade eficiente de trabalho, assim sendo, esse países acumulam menos capital por unidade eficiente de trabalho, em steady-state. (iii) as alterações na taxa de crescimento da

população e na taxa de poupança fazem variar a taxa de crescimento económico apenas durante o período de transição para o novo steady-state, estas alterações não possuem efeitos de logo prazo na taxa de crescimento, dado que a economia, uma vez tendo atingido o novo estado estacionário voltará a crescer a taxa de progresso técnico.

2.1.1.3 Crescimento endógeno

Neste tópico procede-se as abordagens dos principais contributos dos autores do “modelo de crescimento económico”. O modelo neoclássico tem uma capacidade limitada de explicar o crescimento económico de longo prazo, o modelo de Solow não especifica o significado do progresso tecnológico, por isso, para os estudiosos do ramo da economia o progresso técnico no modelo de Solow é exógeno e inexplicado.

Desde os anos 80 surgiram várias investigações económicas com o objetivo de endogeneizar a taxa de crescimento económico, a este propósito sugeriram os trabalhos pioneiros como os de Romer (1986), Lucas (1988) e Robelo (1991). O crescimento endógeno foi gerado através do modelo AK genérico mostrando que para que haja um crescimento sustentado não é necessário ter um modelo que cresce de forma contínua e exogenamente, eliminando assim os rendimentos marginais decrescente sustentado pelo modelo de Solow; a economia não apresenta uma transição para o steady-state, visto que, ela cresce sempre a uma taxa constante, independentemente do valor do stock de capital e a taxa de crescimento é determinado pela taxa de poupança, taxa de depreciação do capital e nível do conhecimento tecnológico.

Dando continuidade ao pressuposto do modelo AK genérico, Romer (1986) sugeriu uma outra forma de endogeneizar a taxa de crescimento, aplicando três características principais no modelo AK genérico: Primeira característica, existem externalidades no capital físico quando o conhecimento técnico é utilizado pelas empresas como um bem de capital; segunda característica, pode-se acumular o conhecimento técnico; terceira característica, o conhecimento técnico encontra-se incorporado no capital físico; e por último, as empresas são competitivas, tomam os preços e o conhecimento técnico agregado existente como dados. Romer (1986) concluiu que a economia cresce de forma sustentada quando há externalidade positiva gerada por criação de novos conhecimentos; caso se considerar as externalidades associadas ao capital agregado, o modelo prevê que o crescimento da população tem impacto positivo sobre o crescimento; caso se considerar as externalidades associadas ao capital por população ativa, a economia cresce a longo prazo quando o desemprego estrutural é baixo (relação negativa).

Já o modelo de Lucas designa o capital humano como stock de conhecimento para ser usado na produção, segundo Lucas (1988) o capital humano é um fator de crescimento económico. O autor considerou que o capital humano não está sujeito a rendimentos marginais decrescentes, afirmou também que no setor da produção dos bens a eficiência de trabalho é afetada positivamente não só pelo nível do capital humano, mas também pelo nível social médio desse capital. O autor supracitado teve as seguintes conclusões: o produto cresce endogenamente, devido a formação do capital humano; as taxas de crescimento do produto per capita e do stock de capital per capita serão superiores à taxa de crescimento do capital humano, devido às externalidades associadas à formação de capital humano; mesmo na ausência de externalidades, a taxa de crescimento do produto per capita viria igual à taxa de crescimento do capital humano, continuando portanto a haver crescimento endógeno; as taxas de crescimento das variáveis per capita não são influenciadas pelo nível das variáveis, assim sendo, um país pobre e um país rico que apresentem o mesmo rácio k/h^1 , mas tendo o segundo maiores quantidades dos dois fatores, manterão entre si o mesmo desnível de rendimento per capita, sendo as taxas de crescimento idênticas.

2.1.1.4. Investigação e Desenvolvimento (I&D)

O modelo pioneiro da variação tecnológica ou inovação como crescimento endógeno foi introduzido por Romer (1990), neste sentido, o modelo considera três setores: setor de bens finais, setor de bens intermédios e setor de produção de conhecimento (I&D), o setor I&D é constituído por investigadores que visam produzir novos conhecimentos. Romer (1990) menciona no seu estudo que o estoque do capital humano determina a taxa de crescimento. Ele referiu que muito pouco capital humano é dedicado à pesquisa em equilíbrio, também chega a conclusão que a integração da investigação e do desenvolvimento nos mercados mundiais aumentará as taxas de crescimento e por fim ele demonstrou que um país com população grande não é suficiente para gerar crescimento. Seguindo o contributo de Romer (1990), Aghion e Howitt (1992), eles defendem que o crescimento resulta exclusivamente da variação do progresso técnico, que por sua vez resulta da competição entre as empresas de pesquisa que geraram inovações. Cada inovação consiste em novo bem intermediário que pode ser usado para produzir um bem final com mais eficiência. Por sua vez Jones (1995) estendeu o modelo de Romer (1990) de modo a argumentar a previsão de “efeito

¹ Rácio que mede a relação entre o capital físico e o nível médio de capital humano por trabalhador

escala” do crescimento baseado em I&D e entendeu que a taxa de crescimento de longo prazo depende apenas de parâmetros que geralmente são considerados exógenos, incluindo a taxa de crescimento populacional.

2.2. Remessas de emigrante

Ao longo dos tempos foram-se sucedendo vários estudos empíricos sobre o impacto das remessas no crescimento económico, assim sendo, Sousa (2018) realça no seu estudo que no mundo em que vivemos, as remessas de emigrantes têm tido um papel importante na economia mundial, visto que, são uns dos principais fluxos financeiros que interrelacionam países e economias. Por sua vez, Adams Jr. no seu estudo “The Determinants of International Remittances in Developing Countries” (2009) refere-se às remessas como dinheiro e bens que são enviados às famílias por trabalhadores migrantes que trabalham fora de seus países de origem. Page (2020) também define as remessas como capital enviado pelo trabalhador que o ganhou do local onde foi ganho para o seu local de origem. De acordo com a classificação do Fundo Monetário Internacional (FMI), as remessas de migrantes devem ser diferenciadas de “remessas de trabalhadores”, pois as últimas referem-se a transferências em dinheiro ou em espécie de migrantes para famílias residentes nos países de origem (Hathroubi e Aloui, 2016).

Resumindo, os estudos apontam que as remessas por natureza variam ao longo dos anos, visto que são definidos por inúmeros rendimentos que são transferidos anualmente de pessoas que vivem e trabalham fora dos seus países de origem.

2.3. Determinantes macroeconómico das remessas

Uma das referências de uma visão macroeconómica dos determinantes das remessas foi a de Adams Jr. R. H. (2009) que usou dados de 76 países do desenvolvimento de baixo e médio rendimento para analisar os determinantes demográficos, económicos e financeiros das remessas, neste sentido descobriu que “existe uma curva em forma de U invertido entre o nível de rendimento per capita do PIB de um país e o recebimento de remessas.” Ele constatou, igualmente, que mantendo constantes todas as outras variáveis, o nível de remessas per capita recebido por um país aumenta até que um país tenha um rendimento per capita do PIB de cerca de US \$ 2.200 por ano, e depois cai. Por conseguinte, no desenvolvimento do estudo, Adams Jr. fez menção ao estudo de El-Sakka e McNabb, 1999 na análise dos fatores

macroeconómicos que afetam o comportamento dos remetentes. El-Sakka e McNabb (1999) usaram os dados de Egipto e descobriram que os diferenciais da taxa de câmbio e da taxa de juros são importantes para atrair fluxos de remessas por meio dos canais oficiais.

Dando continuidade a abordagem feita por Adams Jr. sobre o rendimento per capita e as remessas de emigrantes, Yoshino et.al. (2020) desenvolveram um modelo teórico e empírico para investigar os determinantes macroeconómicos dos fluxos de remessas, em que constataram que quanto maior a lacuna no PIB per capita entre os países emissores e recetores de migrantes, pode haver mais fluxos de remessas em países de rendimento médio e quanto mais baixo o nível económico, maior será o papel dos influxos de remessas para o crescimento económico. Além desta conclusão, eles demonstraram que o crescimento de investimento direto do estrangeiro tem uma correlação negativa, estatisticamente significativa com o aumento de remessas. À medida que os países de rendimento médio se desenvolvem devido ao crescimento de suas indústrias domésticas e ao desenvolvimento de suas economias, a quantidade de investimento direto do estrangeiro como capital estrangeiro pode ser dilatado em vez de fluxos de remessas. Sustentando a importância das remessas e investimento direto estrangeiro o Global Development Finance (World Bank, 2014) realça que estes indicadores económicos são a segunda fonte mais importante para o financiamento externo de países em desenvolvimento médio.

Abbas et. al. (2017) através de um artigo científico denominado “What determine remittances to Pakistan? The role of macroeconomic, political and financial factors” estudaram o impacto de fatores macroeconómicos, financeiros e políticos nas remessas para os dados de Paquistão, no período de 1972 a 2012, em que obtiveram os seguintes resultados: os fatores macroeconómicos do país de origem têm impacto significativo no fluxo das remessas. Também constataram um impacto significativamente negativo da inflação e da dívida do governo sobre o influxo de remessas. Um outro resultado importante abordado pelos autores é que a indicadora dívida externa apresenta relação negativa com as remessas. A situação de déficit fiscal de um país piora com o aumento da dívida externa e, como resultado, o fluxo de remessas é prejudicado.

Embora vários estudos procurem saber se a taxa de câmbio afeta o fluxo das remessas e a competitividade dos países, El-Sakka e McNabb (1999), introduziram a taxa de juro no modelo de estudo, aplicaram o método Mínimos Quadrados Ordinários (OLS) para os dados de Egipto e concluíram que as taxas de juros domésticas e as taxas de câmbio devem ser competitivas de modo a incentivar o aumento das remessas. No

mesmo artigo, eles demonstram que a vinculação das taxas de juros e de câmbio contribui para o problema da dolarização. Taxas de juros irrealistas encorajam os migrantes a remeter seus ganhos na forma de ativos reais ou a mantê-los na forma de depósitos em moeda estrangeira, geralmente dólares americanos. Adams Jr. R. H. (2009) também concluiu que os países com taxas de juros reais mais competitivas recebem mais remessas per capita.

Para Zieseimer (2012), as remessas têm tido um impacto positivo no rendimento, poupança, investimento fixo, fluxos de dívida líquida e taxas de juros quando o investimento é elástico à taxa de juro.

2.4. Impacto macroeconómico das remessas

Os estudos citados apontam que grande fluxo de remessas podem gerar desequilíbrio nas taxas de juros, taxa de câmbio e afetar indiretamente as variáveis macroeconómicas. Sendo assim, Puja Guha (2013) abordou no seu estudo que as remessas, originadas principalmente no nível das famílias, têm efeitos indiretos sobre os parâmetros macroeconómicos. Ele especificou que esses efeitos indiretos são canalizados para a economia por meio das decisões de consumo e oferta de trabalho das famílias. No mesmo artigo ele demonstrou que as remessas têm um efeito positivo sobre a conta corrente e melhora instantaneamente o déficit da balança de pagamentos de um país, também destaca o fato de que as remessas podem levar à valorização da taxa de câmbio real do país, levando à realocação da produção setorial.

Os efeitos da emigração e das remessas no mercado de trabalho têm um impacto significativo no crescimento económico. Esta evidência foi demonstrada por Bayangos e Jansen (2011) no caso das Filipinas em que defenderam que a emigração reduz o fator força de trabalho e o recebimento de remessas reduz ainda mais a oferta de trabalho, ou seja, há um forte efeito sobre os salários dos trabalhadores. O efeito do aumento da massa salarial na competitividade é mitigado pelo aumento da produtividade do trabalho.

Por outro lado Alkhathlan (2013) mostra que as despesas do governo e as exportações são positivas e altamente significativas no aumento da taxa de crescimento económico do país a longo prazo. O aumento dos produtos exportados e o ritmo de crescimento das atividades económicas criam mais oportunidades de emprego, que, por sua vez, estimulam o crescimento económico, por isso, o autor apela à necessidade de incentivar as remessas nas atividades de consumo doméstico, poupança e investimento nos países recetores dos emigrantes, oferecendo mais incentivos em relação aos dos países de origem dos trabalhadores.

2.5. Efeitos das remessas no crescimento económico

Neste ponto de estudo será abordado os efeitos da remessa sobre o crescimento económico, em que se tomou como referência, Cazachevici et. al. (2020), estes demonstram a partir dos seus estudos que o efeito típico das remessas sobre o crescimento é positivo. Também descobriram que é importante ter o controlo das duas outras fontes principais do financiamento externo para economias de baixo e médio rendimento, a ajuda externa e o investimento estrangeiro direto, a fim de incentivar com precisão o efeito das remessas sobre o crescimento. Mediante a descoberta acima referida, os investigadores sugerem que futuras pesquisas podem se concentrar em explorar as interações remessas-ajuda de forma mais abrangente.

Por sua vez Benhamou e Cassin (2021), enfocam o seu estudo nas principais características das interações entre remessas, poupança, gastos com educação e crescimento económico dos pequenos países emergentes e perceberam que a República Dominicana, o Haiti e a Jamaica apresentam uma alta taxa de acumulação de capital humano devido aos ganhos da migração, no entanto, devido ao forte incentivo criado pelos ganhos potenciais da migração, foi baixa a economia nessas ilhas. Isso resultou em uma redução do acúmulo de capital físico. Já para Trinidad e Tobago, devido ao baixo nível de transferências intergeracionais, as poupanças foram preferidas aos investimentos em capital humano para financiar o consumo dos idosos, portanto, nessas ilhas, a acumulação do capital físico é maior devido ao crescimento da poupança e em Barbados, as transferências intergeracionais e a migração foram altas; no entanto, o ganho líquido da migração foi menor do que nos outros países, portanto, a economia e os gastos com a educação eram igualmente importantes para Barbados.

Kadozi (2019) afirma que o efeito do crescimento das remessas é positivamente influenciado pelo nível do desenvolvimento financeiro e da educação do país, mas contrariamente afetado pela qualidade dos fatores institucionais na região, como instabilidades políticas e regulamentações rígidas. Para o caso de Ruanda os resultados demonstram um impacto positivo e significativo do crescimento das remessas sobre a taxa de crescimento daquele país. O impacto marginal das remessas sobre o PIB per capita aumenta à medida que aumenta o influxo das remessas em Ruanda. No referido artigo Edward Kadozi considerou a dificuldade de endogeneidade que existe entre as remessas e o crescimento e as questões metodológicas e de dados. Kadozi, menciona a necessidade de novas pesquisas que explorem outras abordagens através das quais as remessas afetam os resultados de desenvolvimento nos países de origem, com foco em microanálise de nível.

Já Zieseimer T. HW (2012) menciona no seu estudo que as remessas não têm apenas um impacto direto sobre o crescimento, mas também indireto por meio de vários canais principais, as remessas têm um impacto: no rendimento disponível aumenta a poupança, a formação de capital fixo, a redução dos fluxos da dívida líquida e a redução das taxas de juros se o investimento é elástico aos juros; na alfabetização por meio de economias e gastos públicos com educação; no crescimento da força de trabalho via migração (direta e via poupança) e alfabetização; e do efeito direto no crescimento do PIB per capita para o crescimento da força de trabalho.

É também importante sublinhar as descobertas de El-Sakka e McNabb (1999) quanto à taxa de juro e taxa de câmbio como variáveis que influenciam os fluxos das remessas por meio dos canais oficiais, Hien et.al. (2020) abordaram estas variáveis na sua investigação “Remittances, real exchange rate and the Dutch disease in Asian developing countries”, um estudo feito em 32 países em desenvolvimento asiático durante o período de 2006 a 2016. Dessa análise concluíram que as grandes quantidades de remessas podem levar ao aumento da taxa de câmbio real de um país e causar prejuízo na sua competitividade; um fenómeno conhecido como “doença holandesa”.

2.5.1. Taxa de Câmbio e Doença Holandesa

Atualmente muitas literaturas estão abordando o impacto negativo das remessas sobre a competitividade das economias dos países de baixo e médio rendimento via apreciação de taxa de câmbio, um fenómeno descrito como “doença holandesa”. Ao longo dos tempos foram-se sucedendo várias definições para a melhor interpretação e compreensão deste fenómeno na economia mundial. Hien et.al. (2020) referem a este fenómeno como um termo económico mencionado pela primeira vez no “The Economist” publicado em 26 de novembro de 1977 para expor a redução da competitividade das exportações de produtos holandeses devido a apreciação de taxa de câmbio real após a Holanda obter uma grande quantidade de capital do gás exportado devido à descoberta em 1959 no grande campo de gás natural de Groningen.

Para melhor explicar a apreciação da taxa de câmbio e o fenómeno da doença holandesa, Hien et.al. (2020) referiram no estudo que o gasto / consumo aumenta à medida que o rendimento disponível cresce, levando a um aumento na procura agregada por bens comercializáveis e não comercializáveis. O aumento da procura provoca um aumento no preço, principalmente para os bens não comercializáveis,

devido ao fato de o preço dos bens comercializáveis ser afetado pelo preço do comércio mundial. O aumento dos preços domésticos dos bens não comercializáveis em função da manutenção dos demais fatores resulta na valorização da taxa câmbio real efetivo. Os autores ao utilizar a estimativa de painel dinâmico com Métodos Generalizados de Momento (S-GMM) constataram, por um lado, que as remessas levam a apreciação da taxa de câmbio. Eles também demonstram que um aumento das remessas induz uma valorização da taxa de câmbio, o que prejudica a competitividade internacional dos países no longo prazo. Mediante aos dados dos países estudados, descobriram que um aumento de 1 % nas remessas levou a uma valorização de 0,103 % da taxa de câmbio. Por outro lado, eles constataram que para os países que recebem menos quantidade de remessas, quanto mais remessas fluem para dentro, maior é a taxa de câmbio, o que significa que as moedas estão sobrevalorizadas devido ao motivo de as remessas serem gastas e consumidas. Enquanto isso, as remessas adicionais se converterão em investimento, levando à diminuição da taxa de câmbio para os países que obtêm alta relação entre remessas e o PIB.

Zhang et al. (2021), com o objetivo de conhecer o impacto das remessas sobre a taxa de câmbio para 199 países e territórios, eles utilizaram os mesmos métodos de Hien et al. (2020) e concluíram que as remessas têm um efeito depreciativo sobre a taxa de câmbio (a moeda nacional deprecia em relação a moeda estrangeira) em todos os países e em países de rendimento médio e baixo. Em comparação, as primeiras defasagens das remessas têm um impacto negativo significativo (apreciação da moeda nacional) nos países de alto rendimento, mas um impacto positivo significativo nos países de rendimento médio e baixo. À semelhança de Hien et.al. (2020), Zhang et al. (2021) também demonstraram que há tendências claras nos padrões de consumo das remessas e seu subsequente impacto nas taxas de câmbio causando “doença holandesa”.

No entanto o estudo anterior de Mondal e Khanam “The impacts of international migrants’ remittances on household consumption volatility in developing countries” (2018) revelam que o impacto estabilizador das remessas sobre a variação do consumo é consideravelmente aceitável, uma vez que o fluxo de remessas é considerado mais firme em comparação com outros fluxos de capital que atuam como fontes externas de capital nos países em desenvolvimento. No mesmo artigo os autores descreveram algumas advertências como “não conseguiram identificar nenhum indicador comum de política de remessas para todos os países em desenvolvimento. Portanto, não podem investigar empiricamente o impacto das políticas de remessas nas remessas internacionais. Além disso, a forte dependência do país recetor das remessas do fluxo

internacional de remessas como fonte externa de financiamento pode levar a um aumento da vulnerabilidade macroeconômica a choques exógenos; esta questão não foi considerada neste estudo.” (Mondal R. K. e Khanam R., 2018, pp:183-185)

Zhang e os colaboradores foram mais além, ao descrever no seu artigo os estudos futuros focados em três aspetos. “Em primeiro lugar, resta explorar se a doença holandesa nessas economias é o resultado do efeito da movimentação de recursos, ou melhor, do efeito gasto, como hipostenizado nesta análise. Isso pode ser estudado determinando a proporção do setor de bens comercializáveis para o setor de bens não comercializáveis. Em segundo lugar, embora este estudo enfoque uma perspectiva de longo prazo, ou seja, 20 anos, resta observar se o impacto permanece o mesmo no curto e médio prazo. Por último, embora este estudo enfoque as políticas macroeconômicas, pode ser útil determinar os fatores microeconômicos que levam à doença holandesa.” (Zhang , W., Sadiq, R., Khan, T. M. e Khan M. M., 2021, pp:4-5).

Cabo Verde é um dos países estudado tendo em conta as remessas, Bourdet e Falck (2007) foram analisar o impacto das remessas de emigrantes na competitividade da economia cabo-verdiana. Com evidência de que grandes entradas de remessas impulsionam a Doença Holandesa, incidindo sobre a taxa de câmbio. Neste sentido, concluíram que grandes quantidades de remessas dão origem a uma espécie de efeito da Doença Holandesa e, portanto, têm um efeito adverso na competitividade do setor comercializável. A magnitude deste efeito em Cabo Verde não é assim tão grande.

2.5.2. Remessa, Pobreza e Desigualdade

No que toca à questão da pobreza e desigualdade, num estudo para África Subsariana, Akobeng (2016), encontrou efeitos positivo significativos das remessas sobre a pobreza e a desigualdade. O estudo aponta que as remessas têm efeitos de redução da pobreza e equalização de rendimento. Esses efeitos são aumentados pelo desenvolvimento financeiro.

Estudos anteriores como Acosta et al. (2008) mostrou que a migração e as remessas têm efeitos estatisticamente significativos de redução da pobreza que parecem operar principalmente por meio de aumentos no rendimento per capita dos países destinatários de remessas. No caso da América Latina as remessas geralmente têm o efeito de reduzir a desigualdade, as mudanças correspondentes são geralmente de pequena magnitude. Assim sendo, as reduções da pobreza são alcançadas principalmente por meio dos níveis mais altos de rendimento das famílias que enviam

migrantes. As estimativas usadas no estudo sugerem que na América Latina e no Caribe as remessas reduziram o número de pessoas na pobreza em cerca de 0,4% para cada aumento de ponto percentual na relação entre remessas e PIB. Gupta et al. (2009) também constataram que as remessas têm um efeito direto de mitigação da pobreza e um impacto positivo sobre as finanças, isto é, as transferências de migrantes ajudam a aliviar as restrições orçamentárias imediatas das famílias beneficiárias.

Imai et al. (2014) no seu artigo, usando dados de 24 países da Ásia e do Pacífico, confirmaram que os fluxos de remessas têm sido benéficos para o crescimento económico, entretanto o estudo apresenta algumas novas evidências de que a volatilidade das remessas e do Investimento Direto Estrangeiro é prejudicial ao crescimento económico. No mesmo estudo, eles concluíram que as remessas contribuem para a redução da pobreza, especialmente por meio de seus efeitos diretos, ou seja, as remessas aumentam o rendimento do país destinatário e, conseqüentemente, diminuem a pobreza.

Vacafleres (2018) também afirma que as remessas nos 18 países latino-americanos, têm um efeito positivo e estatisticamente significativo tanto nas taxas de pobreza quanto nos níveis de desigualdade, ou seja, quando as remessas crescem, diminuem as taxas de pobreza do período seguinte e o coeficiente de Gini. Ele diz que há também algumas evidências estatísticas de que as remessas dos emigrantes são importantes para países onde sua população recebe porção per capita menores, mas a taxa de migração e a localização do país recetor têm respostas assimétricas sobre pobreza e desigualdade.

Bang et. al. (2016) procuraram medir o impacto das remessas sobre as despesas das famílias do Quênia em 2009, encontraram impacto positivo, grande e estatisticamente significativo das remessas sobre as despesas das famílias, também descobriram que o efeito das remessas é maior para as famílias mais pobres da amostra, e esses resultados implicam que os impactos das remessas na redução da pobreza podem ser subestimados por modelos que consideram apenas os impactos das remessas sobre as receitas ou despesas médias, ou mesmo modelos de quantis que consideram as remessas totalmente exógenas. Randazzo e Piracha (2019) na sua investigação procuraram perceber como as remessas são gastas pelas famílias, neste sentido eles utilizaram os dados de 2009 das famílias no Senegal, o estudo mostra que as remessas externas têm um impacto mais forte sobre o comportamento dos gastos

das famílias. Alimentação e educação são as parcelas das despesas em que a diferença média entre as famílias tratadas e não tratadas é significativa. Aquelas famílias que recebem transferências externas gastam em média menos com comida e mais com educação. Esses resultados sinalizam para um uso produtivo das remessas.

2.5.3. Efeito da pandemia de Covid19 sobre as remessas e o crescimento

De acordo com Banco Mundial-Migration and Development Brief (2020) o prolongamento da pandemia de COVID-19 e da crise económica, estima-se que a quantidade de remessas enviada pelos trabalhadores para seus países de origem deverá sofrer um declínio de 14% até 2021, comparado ao período anterior à COVID-19 em 2019, o fluxo de remessas para os países de rendimento médio e baixo deve cair 7 %, segundo as projeções, passando para US\$ 508 bilhões em 2020, seguido de um declínio adicional de 7,5 %, para US\$ 470 bilhões em 2021. Os principais fatores para a queda das remessas são o fraco crescimento económico e os baixos níveis de empregos nos países anfitriões, a queda nos preços do petróleo e a depreciação das moedas nos países de origem das remessas em relação ao dólar americano.

As quedas em 2020 e 2021 afetarão todas as regiões, sendo a mais acentuada esperada para a Europa e a Ásia Central (16 por cento e 8 por cento, respetivamente), seguida do Leste da Ásia e Pacífico com 11 por cento e 4 por cento, Oriente Médio e Norte da África (8 por cento em cada), África Subsaariana (9 por cento e 6 por cento), Sul da Ásia com 4 por cento e 11 por cento, e América Latina e Caribe (0,2 por cento e 8 por cento).

Estudo mais recente do Caruso et al. (2021) fornece evidências da mudança no fluxo de remessas após COVID-19. Utilizando os dados do mercado de trabalho dos EUA e indicadores de desempenho económico dos EUA e dos países destinatários, o artigo demonstra que as remessas deverão diminuir 14% na América Central e no Caribe em 2020. Os resultados mostram que esses impactos são heterogêneos por país devido às características do número de migrantes de cada um dos países estudados nos EUA.

Capítulo 3

Metodologia e Dados

Esta seção apresenta a metodologia aplicada ao estudo e a fonte de recolhimento de dados estatísticos das principais variáveis estudadas.

3.1. Metodologia

Na condução desse estudo quantitativo foram empregues os métodos de estimações do modelo de efeitos fixos e efeito aleatórios, visto que, estes métodos de estimações são comuns à sua aplicação em regressões com dados em painel. O uso de modelos de efeitos fixos é especialmente apropriado para analisar os impactos de variáveis que alteram com o tempo, enquanto o modelo de efeitos aleatórios, a mudança das variáveis dependentes é assumida como sendo aleatória e não correlacionada com as variáveis independentes do modelo. A escolha dos métodos acima referido teve como base o teste de Hausman. A aplicação deste teste é essencial nas estimações de modelos com dados de painel, isto porque nos permite decidir entre o uso do modelo de efeitos fixos ou o uso do modelo de efeitos aleatórios. Caso o p-value do teste for menor do que 5%, então rejeita-se a hipótese nula e usa-se o modelo de efeitos fixos para estimação e quando o p-value for maior do que 5%, aceita-se a hipótese nula e usa-se o modelo de efeitos aleatórios para a estimação.

A estrutura de dados aplicado é o panel data (dados em painel), sendo que com a visão de avaliar o impacto das remessas de emigrantes sobre o crescimento económico dos países insulares africanos, foram usados dados estatísticos anuais de um horizonte temporal de 13 anos, período que inicia em 2006 e termina em 2019. No painel foram incluídos os seis (6) países insulares africanos, sendo estes: O arquipélago de Cabo Verde, Ilha de Comores, Ilha de Madagáscar, República das Maurício, Ilha de Seychelles e Ilhas de São Tomé e Príncipe. O software usado para a análise econométrica é o Stata.

3.1.1. Modelo empírico

Para motivar o trabalho empírico, foram aplicadas três (3) modelos de regressão linear. Os modelos foram estimados separadamente e de forma detalhados, sendo que o estudo se concentra principalmente na regressão de crescimento (modelo 1).

O ponto de partida do modelo é a regressão do crescimento, a seguir o modelo desenvolvido pelo Ziesemer T. HW (2012), este estudo teve como hipótese de que o crescimento económico é determinado por remessas de emigrantes, taxa de câmbio real e por uma série de fatores macroeconómicos. A seguir está a especificação do modelo adotado:

3.1.1.1. Modelo 1 – Regressão de crescimento

$$GDPPC_{it} = \beta_0 + \beta_1 REM/GDP_{it} + \beta_2 GFCF/GDP_{it} + \beta_3 SAV/GDP_{it} + \beta_4 INV/GDP_{it} + \beta_5 IRDF_{it} + \varepsilon_{it}$$

Sendo que:

- I. GDPPC (variável explicada) é a taxa de crescimento do PIB real per capita com base na moeda local constante, representa o crescimento económico anual, visto que, o PIB real per capita é Produto Interno Bruto (PIB) dividido pela população em meados de ano. A variável é medida em percentagem.
- II. REM/GDP (variável explicativa) é a proporção das remessas no PIB real per capita o que representa as remessas de emigrantes e a variável descrita como transferência em dinheiro ou em espécie feitas ou recebidas por famílias residentes de ou para famílias não residentes. Unidade de medida: percentagem do PIB.

No modelo 1 estão incluídas as seguintes variáveis de controlo:

- I. GFCF/GDP é o investimento direto estrangeiro em proporção do PIB real per capita, descrita como investimento feito para adquirir um interesse duradouro em empresas que operem fora da economia do investidor e a variável traduz-se pela soma do capital próprio, reinvestimento de lucros e outro capital de longo e curto prazo. Unidade de medida: percentagem do PIB.
- III. SAV/GDP é o peso da poupança no PIB real per capita, representa a poupança, descrita pela receita não destinada a consumo imediato. Variável medida em percentagem do PIB.

- IV. IRDF representa o diferencial da taxa de juro (diferença entre taxa de juro de mercado e taxa de Juro dos USA), é incluída no modelo como custo de oportunidade dos emigrantes em considerar economizar a quantia de dinheiro em vez de transferi-la. Unidade de medida: percentagem (%).
- V. INV/GDP é o peso do investimento total sobre o PIB real per capita, representa a formação de capital físico do país. Unidade de medida: Percentagem do PIB.

Tabela 1 - Sinais hipotéticos de variáveis

Variável (código)	Sinal esperado	Referências
Remessas (REM)		(Meyer e Shera, 2017, Kadozi, 2019, Cazachevici et al., 2020)
Investimento direto estrangeiro (GFCF)	+	(Gui-Diby, 2014, Su e Liu, 2016)
Poupança (SAV)	+	(Ziesemer, 2012, Artur Ribaj and Fitim Mexhuani, 2021, Güngör Turan and Olesia Gjergji, 2014)
Diferencial de taxa de juro (IRDF)	-	(Ziesemer, 2012)
Investimento total (INV)	+	(James D. Gwartney , Randall G. Holcombe , Robert A. Lawson, 2006)

Próximo ponto, as remessas de emigrantes é um dos principais fatores que influenciam o crescimento económico, o modelo que explica a proporção das remessas no PIB é formulado no modelo 2, a seguir o modelo dos autores como Hagen-Zanker e Siegel, 2007 , Kock e Sun, 2011 , McNabb, 1999 e Abbas, 2017, um modelo de regressão das remessas é desenvolvido. Assim sendo, o modelo tem essa forma:

3.1.1.2. Modelo 2 – Regressão das Remessas de Emigrantes

$$REM/GDP_{it} = \beta_0 + \beta_1 GDPPC_{it} + \beta_2 INF_{it} + \beta_3 IRDF_{it} + \beta_4 FCE/GDP_{it} + \beta_5 REER_{it} + \varepsilon_{it}$$

Onde REM/GDP (peso das remessas no PIB) é explicada por GDPPC que representa o PIB per capita, INF incluída no modelo como taxa de inflação (aumento geral dos preços de bens e produtos) medida pelo índice de preço ao consumidor, IRDF definindo o diferencial da taxa de juro, FCE/GDP representando a despesa do consumo final (despesa realizada por família com aquisição de bens e serviços), REER incluída no modelo como taxa de câmbio real, o presente estudo também enfatiza no comportamento desta variável.

Finalmente, as tendências dos estudos relacionados com as remessas abordam o fenómeno da “doença holandesa” via apreciação da taxa de câmbio, isto é, as remessas possivelmente geram alguns efeitos sobre a taxa de câmbio real dos países, isso levanta possibilidade desses países enfrentarem a “doença holandesa”. Com o objetivo de saber se os países insulares africanos têm enfrentado este fenómeno propõe-se o modelo teórico desenvolvido por Amuedo-Dorantes e Pozo (2004), partindo da hipótese de que o aumento das remessas, aprecia a taxa de câmbio e prejudica a competitividade dos países recetores das remessas.

Modelo de Amuedo-Dorantes e Pozo (2004)

$$REER = f(REM/GPD, X)$$

Onde REER representa a taxa de câmbio real, REM/GDP simboliza as remessas de emigrantes per capita e X refletem outros fatores determinantes da taxa de câmbio real. Para melhor entender o fenómeno da “doença holandesa” e explicar os fatores que determinam a taxa de câmbio no modelo de Amuedo-Dorantes e Pozo (2004), o modelo 3, foi seguido a partir do modelo desenvolvido por Hien N. (2020).

3.1.1.3. Modelo 3 – Regressão da Taxa de Câmbio Real

$$REER_{it} = \beta_0 + \beta_1 REM/GDP_{it} + \beta_2 GDPPC_{it} + \beta_4 IRDF_{it} + \beta_5 TOT_{it} + \varepsilon_{i,t}$$

Sendo que:

REER é a taxa de câmbio real; REM/GDP representa proporção das remessas no PIB, se as transferências são positivas fazem aumentar as despesas e conseqüentemente o aumento dos preços dos produtos não comercializáveis causando a apreciação da taxa de câmbio; GDPPC é a taxa de crescimento do PIB per capita; IRDF representa o diferencial da taxa de juro, traduz as mudanças nas condições financeiras externas, isto é, taxas de juros dos USA mais altas em relação a taxa de juro de mercado faz reduzir as despesas domésticos que possivelmente reduz o preço dos bens não comercializáveis e conseqüentemente a depreciação da taxa de câmbio real; TOT representa o termo de troca, o aumento do preço de produto exportado em relação ao produto importado induz ao aumento do preço dos produtos não comercializáveis e estimula o aumento do fluxo de mão de obra para o setor não comercializáveis causando a apreciação de taxa de câmbio.

3.2. Dados

Os dados da série temporal anual são usados para estimar os determinantes macroeconómicos do crescimento económico das remessas dos emigrantes e da taxa de câmbio nos países insulares africanos no período de 2006 a 2019, a escolha do período de tempo é determinada pela disponibilidade de dados. As fontes de dados de todas as variáveis estudadas estão listadas na tabela 2.

A taxa de crescimento do PIB real per capita está em percentagem anual, com base em dólares americanos constantes de 2010. As Remessas, os investimentos diretos estrangeiros, a poupança, o investimento total e a despesa do consumo final são divididas pelo PIB. A taxa de câmbio real é a taxa de câmbio nominal dividida pelo índice do deflator de preços. O diferencial da taxa de juros foi calculado pela diferença entre a taxa de juros dos Estados Unidos e a taxa de juros de mercado nos países insulares africanos. O índice líquido de termos de troca é calculado como a proporção percentual dos índices de preços das exportações para os índices de preço das importações, medidos em relação ao ano base de 2000.

Tabela 2 – Fonte de dados

Variáveis	Código	Fonte (site)
Taxa de Crescimento do PIB real per capita	GDPPC	The World Bank Indicators
Remessas pessoais	REM	The World Bank Indicators
Investimento direto estrangeiro	GFCF	The World Bank Indicators
Poupança	SAV	International Monetary Fund Data
Taxa de juro EUA	RIUA	The World Bank Indicators
Investimento	INV	International Monetary Fund Data
Taxa de inflação	INF	International Monetary Fund Data
Taxa de juro de mercado	RI	The World Bank Indicators
Taxa de câmbio real	REER	Penn World Table
Despesa do consumo final	FCE	The World Bank Indicators/ Penn World Table
Índice líquido de termos de troca de troca	TOT	The World Bank Indicators

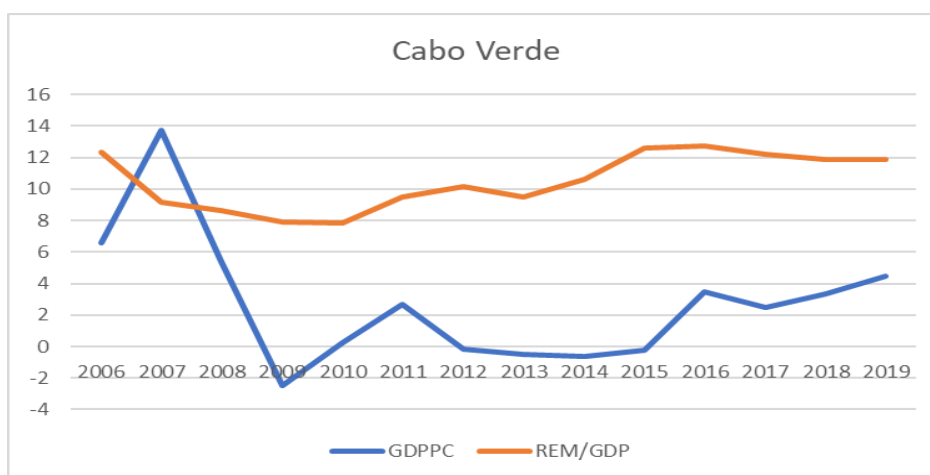
Tabela 3. Estatísticas descritivas resumida

VARIÁVEIS	OBSERVAÇÃO	VALOR MÉDIO	DESVIO PADRÃO
GDPPC	84	2,220750834	2,965101934
REM/GDP	84	5,205752076	4,587342487
GFCF/GDP	84	7,986265553	8,948465301
SAV/GDP	84	19,23619048	13,89751911
IRDF	84	11,5532228	13,70087412
INV/GDP	84	28,03338095	10,39739429
INF	84	6,071928571	8,410554492
RI	84	14,08289704	13,50346973
REER	84	504,3122503	933,8120007
FCE/GDP	84	88,41179347	8,491197505
TOT	84	96,35368849	19,3074224

A Tabela 3 apresenta as estatísticas resumidas das variáveis utilizadas para o estudo. Para a observação de 84 dados, a variável dependente GDPPC apresenta um valor médio (média da taxa de crescimento) bastante pequeno, correspondente a 2,220750834%, demonstrando que ao longo dos anos em estudo os países insulares africanos cresceram a uma taxa muito baixa, sendo o desvio padrão (medida de dispersão em torno da média da taxa de crescimento) correspondendo a 2,965101934% para estes países, enquanto o valor médio da variável independente, as remessas, correspondem a 5,205752076%, refletindo a importância da remessas de emigrantes em alguns países em estudo, caso Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e ilha de Comores. O desvio padrão para estes países situa-se em 4,587342487%. Segundo a tabela 3, a média de taxa de câmbio dos países insulares africanos corresponde a 504,3122503%, refletindo o preço alto da moeda estrangeira em relação às moedas dos países em estudo, já o desvio padrão destes países da taxa de câmbio corresponde a 933,8120007%.

Os gráficos 1, 2 ,3,4, 5 e 6 refletem a magnitude do crescimento económico e das remessas e sua evolução ao longo do tempo em estudo de cada países insulares africanos.

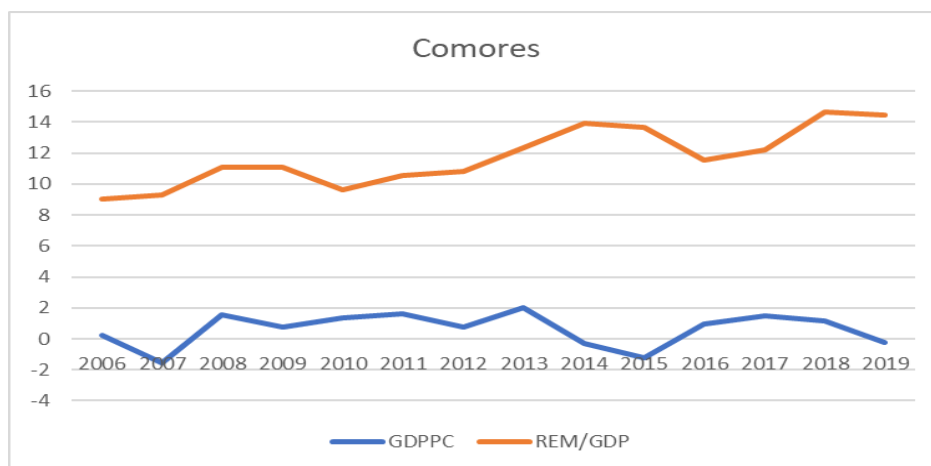
Gráfico 1.



Segundo o gráfico 1, por um lado, no que refere a taxa de crescimento económico, em 2006, Cabo Verde registou uma taxa de 6,571034%, de notar que a evolução da taxa de crescimento de 2006 a 2007 foi bastante significativo, atingindo ao ponto máximo de 13,74275%, no entanto entre 2007 e 2009, a economia recendeu acentuadamente, atingindo ao ponto mínimo da taxa de crescimento de -2,45294%, devido a crise

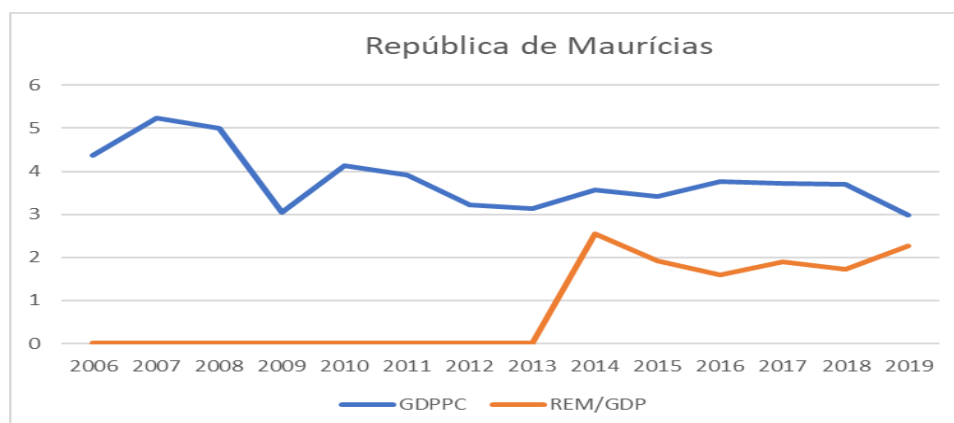
mundial. As datas que se seguem, a taxa de crescimento foi marcada pelos ligeiros crescimento e recessão, em média 1,648506%. Por outro lado, o volume das remessas de emigrantes em 2006, registou um acréscimo de 12,32731384%, entre 2006 e 2010, as remessas teve um ligeiro recessão, atingindo a taxa de 7,865710956%. Já em 2010, a remessa apresentou um ligeiro acréscimo de 9,479261812% e a partir desta data as remessas foi crescendo em média 11,22635%.

Gráfico 2.



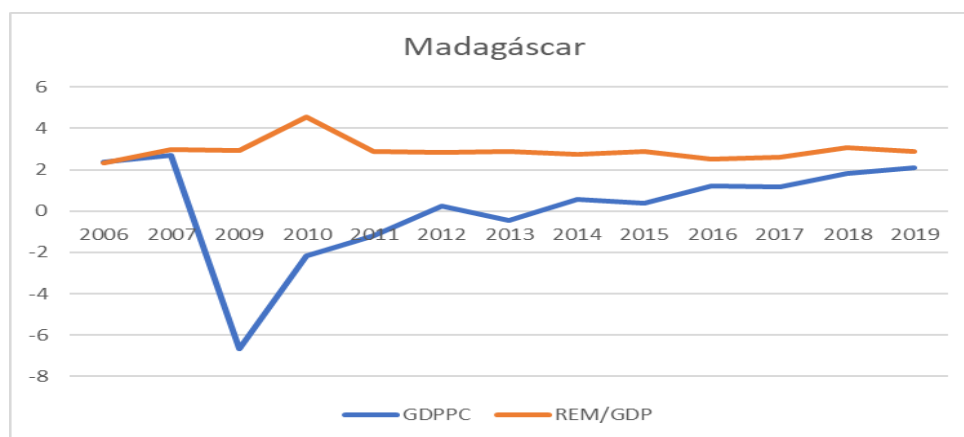
De acordo com o gráfico 2, na ilha de Comores, a taxa de crescimento económico aumentou e diminuiu ligeiramente desde 2006, em paralelo com um ligeiro aumento e resseção do volume das remessas. No início do ano em estudo (2006) a taxa de crescimento económico registou uma taxa de 0,222133% e ao longo dos anos, o Comores foi crescendo em média 0,600466, tornando o país que menos cresce entre os países estudados, no entanto, as remessas em Comores, no ano 2006, atingiu uma taxa de 9,04848692% e em média cresceu durante os anos que se seguem em 11,94443%, tornando assim, o país com mais crescimento de remessas entre os países insulares africanos.

Gráfico 3.



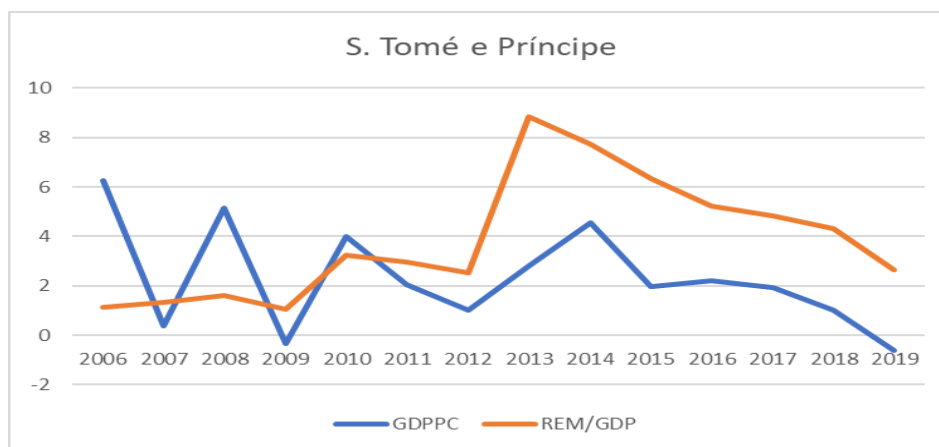
O gráfico 3 apresenta a evolução da taxa de crescimento económico e das remessas da República das Maurícias. Em 2006, este país registou uma taxa de crescimento de 4,377587%, entretanto ao longo do tempo, a taxa de crescimento vem crescendo e decrescendo ligeiramente aproximando de 2%. No que toca as remessas entre 2006 e 2013 o volume das remessas arredonda a 0%, o que nos leva acreditar que durante estes anos a remessa é insignificante neste país. Em 2014 a remessa cresceu acentuadamente em 2,554296754% e mantendo aproximadamente deste valor para os restantes anos de estudo.

Gráfico 4.



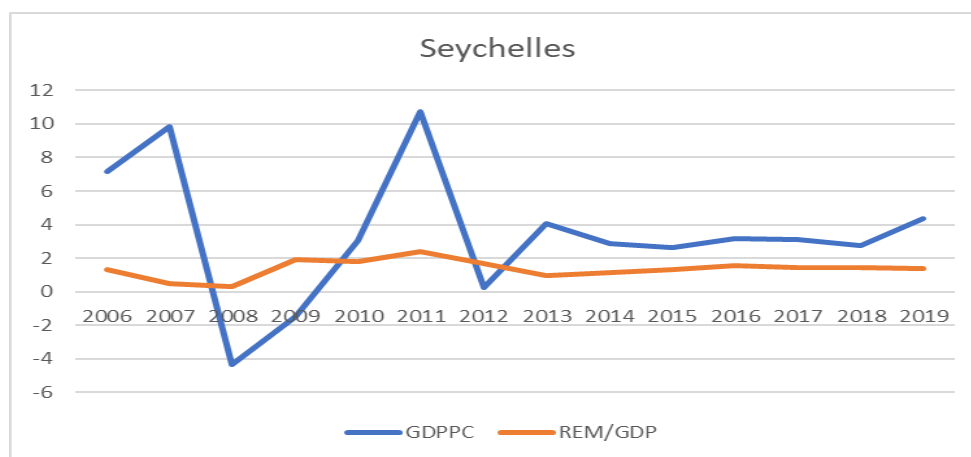
O gráfico 4 demonstra a evolução da taxa de crescimento económico e das remessas para a ilha de Madagáscar. Segundo o gráfico, em 2006, Madagáscar registou uma taxa de crescimento de 2,364186% no tempo da crise mundial (2009), a economia teve uma resseção significativa atingindo a -6,65194%. Só em 2014 a economia deu sinal de recuperação crescendo em 0,585372%, entre 2014 e 2019, a taxa de crescimento da ilha de Madagáscar cresceu em média 1,218141%. Por outro lado, as remessas em 2006 cresceu a uma taxa de 2,3493894%, em 2010 as remessas cresceram em 4,566149845% atingindo o ponto máximo, no ano seguinte as remessas diminuíram para 2,900107655% e nos anos que se seguem as remessas cresceram em média 2,795581%.

Gráfico 5.



Segundo o gráfico 5, em S. Tomé e Príncipe, a evolução da taxa de crescimento económico e das remessas são bastante voláteis, em 2006 a taxa de crescimento cresceu 6,275063%, já no próximo ano a economia diminuiu em 0,385725%, nos anos que se seguem a economia cresceu de forma instável. Por sua vez, as remessas em 2006 cresceu à 1,120639683%, em 2014 as remessas atingiram o ponto máximo de 7,741900422% e nos anos seguintes as remessas cresceram em média 6,321539%.

Gráfico 6



O gráfico 6 apresenta a evolução da taxa de crescimento económico e das remessas da Seychelles. Em 2006, Seychelles, registou um crescimento económico de 7,153344%, no tempo da crise mundial, a economia rescendeu acentuadamente atingindo a taxa de -4,31088%, o Seychelles recuperou rapidamente da crise, entre os anos 2009 a 2011 a economia cresceu em média 4,101822%, atingindo em 2011 uma taxa de crescimento de 10,76087%. Entretanto, no ano seguinte a economia diminuiu de forma significativa a 0,272337% e nos anos seguinte Seychelles cresceu em média 3,288924%. As remessas segundo o gráfico, em 2006, as remessa em Seychelles

cresceram a 1,305521635% e nos anos posteriores as remessas cresceram em média 1,364469%.

Capítulo 4

Resultados e discussão

Os resultados estimados dos modelos são apresentados nas tabelas 4, 5 e 6 para a amostra incluindo 6 países durante o período de 2006-2019. O estudo concentrou-se, principalmente, nas regressões de crescimento (modelo 1), o teste Hausman, apresentou-se uma p-value de 0.3814 para a estimação do modelo, p-value maior do que o nível de significância 5%, sendo assim foi efetuado o modelo de efeito aleatório para a regressão de crescimento e foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 4. Modelo de efeito aleatório do modelo 1

GDPPC	COEF.	DESVIO PADRÃO	P-VALUE
REMGDP	-0.1658832	0.0726178	0.022
GFCFGDP	-0.0514035	0.0435533	0.238
SAVGDP	-0.0009746	0.0248732	0.969
IRDF	-0.061164	0.0233077	0.009
INVGDP	0.0797957	0.0390381	0.041
CONS	1.983265	1.096102	0.070

Os resultados mostram a relação entre a variável dependente, taxa de crescimento do produto interno bruto per capita, as remessas como variável independente e outras variáveis macroeconómicas, como variáveis de controlo, para 84 observações em 6 países insulares africanos. De acordo com os resultados apresentado na tabela 4, o coeficiente das remessas de emigrantes é negativo e significativo, isto é, as remessas têm um impacto negativo sobre o crescimento económico para estes países, o que indica que quando as remessas aumentam 1 ponto percentual, o PIB real per capita diminui em 0,1658832, o que nos leva a acreditar que nestes países, o aumento das remessas, faz aumentar o dinheiro estrangeiro, que por sua vez aumenta a demanda agregada, no entanto, a produção não acompanha o aumento da demanda devido a limitação dos fatores produtivos (mão de obra e matérias prima) nestes países e conseqüentemente a inflação acelera. Também pressupõe que, o aumento das

remessas reduz a oferta de trabalho por causar um forte efeito sobre o rendimento das famílias, aumentando assim a taxa de desemprego e diminuindo a taxa de crescimento nestes países.

Da tabela 4, também pode ser visto que, o coeficiente do diferencial da taxa de juro é negativo e significativo, o que significa que, os diferencial da taxa de juro tem um impacto negativo sobre o crescimento económico, o que nos indica que, quando o diferencial da taxa de juro aumentam 1 ponto percentual, o PIB real per capita diminui em 0,061164, o que pode ser explicado para o nosso caso que, quando a taxa de juro do mercado aumenta em relação à taxa de juro dos Estados Unidos da América, torna-se menos atrativo os emigrantes enviarem dinheiro destinado ao investimento no seu país de origem.

Deste modo, na mesma tabela contatou-se que o coeficiente do investimento total é positivo e significativo (resultado esperado), o que significa que, o investimento total tem um impacto positivo sobre o crescimento económico, o que nos propõe que quando o investimento total aumenta 1 ponto percentual, o PIB real per capita aumenta em 0,0797957. O que nos mostra que, quando há aumento do investimento total, o capital físico dos países em estudo aumenta e faz crescer a economia.

As variáveis, investimento direto estrangeiro e a poupança são insignificantes para a taxa de crescimento, ou seja, essas variáveis não têm impacto significativo sobre o PIB real per capita. No caso de investimento direto estrangeiro, a razão para a sua insignificância pode ser que nestes países não têm uma política que estimulam o interesse dos emigrantes em investir no seu país de origem, enquanto a poupança também é insignificante, visto que, grande parte das remessas destinam-se ao consumo das famílias e não para a poupança, caso Cabo Verde.

O modelo 2 avalia o efeito das variáveis macroeconómico, variável explicativa, sobre as remessas de emigrantes, variável explicada para 84 observações em 6 países. O teste Hausman apresentou-se uma p-value de 0.000 para a estimação deste modelo, p-value menor do que o nível de significância 5%, para o efeito, foi executado o modelo de efeito fixo e foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 5. Modelo de efeito fixo do modelo 2

REMGDP	COEF.	DESVIO PADRÃO	P-VALUE
GDPPC	0.0256958	0.0608577	0.674
INF	-0.0734134	0.0237334	0.003
IRDF	-0.0198833	0.0300119	0.510
FCEGDP	0.1329117	0.0450303	0.004
REER	-0.0000797	0.0006861	0.908
CONS	-5.886621	4.023171	0.148

Num primeiro momento, em relação ao efeito interessado sobre as remessas de emigrante de crescimento económico, o crescimento económico se mostra insignificante a crescimento das remessas nestes países com um p-value de 0,674, maior que o nível de significância de 5%, ou seja, o crescimento económico não tem qualquer impacto sobre as remessas. Já no caso da inflação, o coeficiente é estatisticamente significativo e negativo, o que mostra que, a inflação tem um impacto negativo sobre as remessas, quando a inflação aumenta 1 ponto percentual, a remessa diminui em 0.0734134, de acordo com esse resultado, pode-se mencionar que um aumento contínuo e generalizado dos preços dos produtos torna-se menos atrativo para os emigrantes enviarem dinheiro para o país de origem. Na tabela em apreço, o diferencial de taxa de juro se mostrou-se insignificante as remessas, isso significa que, a alta taxa de juro do mercado em relação a taxa de Estados Unidos da América não tem qualquer impacto sobre as remessas, fato verificado como sendo oposto do resultado da estimação do modelo 1 (tabela 5). As despesas de consumo final apresentou-se coeficiente positivo e significativo (resultado esperado), o que significa que, as despesas de consumo final tem um impacto positivo sobre as remessas, o que nos indica que, quando as despesas de consumo final aumenta 1 ponto percentual, as remessas aumentam em 0,1329117. O que pode ser explicado da seguinte forma, quando as remessas aumentam, os rendimentos das famílias aumentam e conseqüentemente o consumo final das famílias aumenta, principalmente nos países onde as remessas são significativas, caso Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Ilha Comores. Por fim, a taxa de câmbio apresentou-se uma p-value de 0,908 maior que o nível de significância de 5%, tornando-se insignificante as remessas, o que nos conduz a acreditar que não há existência de doença holandesa nestes países, fato analisado nos resultados da próxima estimação (tabela 6).

O modelo 3 mostra os impactos das remessas (variável independente) e outras variáveis macroeconômicas (variável de controlo) sobre a taxa de câmbio (variável dependente) para 84 observações em 6 países, de modo, a avaliar a hipótese de existência de doença holandesa na economia destes países. Para esta estimação, o teste Hausman apresentou-se uma prob de 0.0015, menor do que o nível de significância 5%, sendo assim foi realizado o modelo de efeito fixo e chegou-se aos seguintes resultados:

Tabela 6. Modelo de efeito fixo do modelo 3

REER	COEF.	DESVIO PADRÃO	P-VALUE
REMGDP	-3.885355	18.61998	0.835
GDPPC	9.707823	10.04056	0.337
IRDF	13.8172	4.298083	0.002
TOT	-1.168884	2.306639	0.614
CONS	455.9729	214.544	0.037

De acordo com os resultados indicados na tabela 6, as remessas são insignificantes a taxa de câmbio, ou seja, as remessas não têm impacto sobre a taxa de câmbio, o que nos leva a rejeitar a existência de doença holandesa nestas economias, o aumento das remessas não faz aumentar a taxa de câmbio e prejudicar a competitividade da economia nestes países.

Analisando o efeito do PIB real per capita sobre a taxa de câmbio na tabela 6, o PIB real per capita, assim como as remessas, também mostrou insignificante a taxa de câmbio, por outro lado, na mesma tabela o coeficiente diferencial de taxa de juro é estatisticamente significativo e positivo, o que demonstra que, o diferencial de taxa de juro tem um impacto positivo sobre a taxa de câmbio, quando o diferencial de taxa de juro aumenta 1 ponto percentual, a taxa de câmbio aumenta em 13.8172. Isso significa que, com a aumento da taxa de juros de Estados Unidos da América em relação a taxa de juro do mercado, a moeda destes países ficará subvalorizada e provavelmente o gasto doméstico reduz, diminuindo os preços dos bens não comercializáveis aos comercializáveis.

Pode-se constatar na tabela 6 que o termo de troca é também insignificante a taxa de câmbio, apresentando uma p-value de 0.614, maior que o nível de significância de 5%, o que nos leva a acreditar que, o aumento dos preços das exportações em relação às importações não afeta a taxa de câmbio neste caso.

Capítulo 5

Conclusão e implicações políticas

Muitas literaturas concluíram que as remessas de emigrantes podem dar uma contribuição positiva para as economias recetoras. Os fluxos de remessas para os países em desenvolvimento auxiliaram milhões de pessoas a saírem da pobreza, na melhoria da saúde, a melhorar o nível de escolaridade e aumentar o rendimento das famílias.

O objetivo principal deste estudo é determinar o impacto das remessas de emigrantes sobre a taxa de crescimento económico dos seis (6) países insulares africanos de 2006 a 2019, usando o modelo de efeito fixo e aleatório com base no teste de Hausman. A análise empírica sugere um impacto negativo das remessas sobre o crescimento económico. Mediante a esta descoberta, o estudo propõe que nos países insulares africano, o aumento das remessas, faz aumentar o dinheiro estrangeiro, que por sua vez aumenta demanda agregada, no entanto, a produção não acompanha o aumento da demanda devido a limitação dos fatores produtivos nestes países e conseqüentemente a inflação acelera. Também o estudo propõe que, o aumento das remessas reduz a oferta de trabalho por causar um forte efeito sobre o rendimento das famílias, aumentando assim a taxa de desemprego e diminuindo a taxa de crescimento nestes países.

Além disso, o estudo não deixou de estimar os parâmetros da relação entre a taxa de crescimento económico e o volume das remessas de emigrantes, sem determinar o impacto dos outros determinantes macroeconómico sobre as remessas de emigrantes, sendo assim, o estudo descobriu um impacto positivo e significativo do consumo final sobre as remessas, com esta descoberta, o estudo propõe que quando as remessas aumentam, o rendimento das famílias aumentam e conseqüentemente o consumo final das famílias aumenta, principalmente nos países onde as remessas são significativa, caso Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Ilha Comores.

Além disso, ao avaliar a hipótese de existência de doença holandesa na economia dos países insulares africano, o estudo constatou que as remessas são insignificantes a taxa de câmbio, ou seja, as remessas não têm impacto sobre a taxa de câmbio e pode-se concluir que, o aumento das remessas não faz aumentar a taxa de câmbio e prejudicar a competitividade da economia destes países, por tanto, o aumento das remessas nos países insulares africano não causa a doença holandesa via apreciação de taxa de câmbio.

Do ponto de vista da implicação política, é importante que os países adotem políticas mais orientada para o crescimento económica juntamente com a acumulação das remessas de emigrantes, incentivando a poupança e investimento direto estrangeiro, eliminando as burocracias ligados ao envio de dinheiro para o país de origem e aumentando a diversificação de investimento no país recetora pode contribuir para limitar o impacto negativo de remessas sobre o crescimento económico destes países. Outra implicação de política mais específica é a criação de uma conta de depósito especial para as remessas de emigrantes pode contribuir para melhorar a competitividade do setor comercial e emprego. Por fim, adotar regime de taxa de câmbio fixo com países acolhedores (exemplo a seguir, caso Cabo Verde, regime de câmbio fixo entre escudo cabo-verdiano e o Euro).

Para um estudo futura, tendo em conta os resultados deste presente estudo, poderá ser interessante explorar melhor os mecanismos económicos que possam explicar o impacto negativo das remessas de emigrantes sobre o crescimento económico nestes países. Seria interessante também perceber a razão pelo qual o aumento significativo das remessas em países insulares africano não causa a doença holandesa via apreciação da taxa de câmbio.

Referencias bibliográficas

- Abbas, F. Masood, A. & Sakhawat A. (2017). What determine remittances to Pakistan? The role of macroeconomic, political and financial factors. *Journal of Policy Modeling*, 39 (3), 519-531
- Abreu B.A. (2019). Meta-Análise: O impacto da imigração na inovação e no crescimento económico. Faculdade de economia de universidade de Porto.
- Acosta P., Calderón C., Fajnzylber P. & Lopes H. (2008). What is the Impact of International Remittances on Poverty and Inequality in Latin America?. *World Development*, 36 (1), 89-114
- Adams Jr., R. H. The Determinants of International Remittances in Developing Countries. *World Development*, 37 (1), 93-103
- Afonso, O., Vasconcelos, P., Neves, P. & Sequeira T. (2019). Crescimento económico: Uma abordagem moderna e novas tendências. Edições Almedina, S.A., Coimbra
- Aghion, P. e Howitt P. (1992). A Model of Growth Through Creative Destruction. *Econometrica* 60, 2, 323-351
- Akobeng, E. (2016). Out of inequality and poverty: Evidence for the effectiveness of remittances in Sub-Saharan Africa. *The Quarterly Review of Economics and Finance*, 60, 2016, 207-223
- Alkhatlan, K. A. (2013). The nexus between remittance outflows and growth: A study of Saudi Arabia. *Economic Modelling*, 33, Pages 695-700
- Apergis, N. and Cooray A. (2018) Asymmetric real exchange rates and poverty: The role of remittances. *Emerging Markets Review*, 35, 111-119
- Banco Mundial (2014). Migration and Development Brief 22, Migration and Remittances Team, Development Prospects Group 22, 2-27
- Banco Mundial (2020). Migration and Development Brief 33, COVID-19 Crisis Through a Migration Lens, Washington, DC, 2021/054/SPJ
- Bang, J. T. and Mitra, A. and Wunnava, P. V. (2016) Do remittances improve income inequality? Na instrumental variable quantile analysis of the Kenyan case. *Economic Modelling*, 58, 394-402
- Bayangos, V. & Jansen, K. (2011). Remittances and Competitiveness: The Case of the Philippines. *World Development*, 39 (10), 1834-1846
- Benhamou, Z. A., & Cassin L. (2021). The impact of remittances on savings, capital and economic growth in small emerging countries. *Economic Modelling*, 94, 789-803
- Bourdet, Y. & Falck, H. (2007). Emigrants' remittances and Dutch Disease in Cape Verde. *International Economic Journal*, 20 (3)

- Caruso A. D., Cucagna M. E. & Ladronis J. (2021). The distributional impacts of the reduction in remittances in Central America in COVID-19 times. *Research in Social Stratification and Mobility*, 71, 100567
- Cazachevici, A., Havranek, T. & Horvath, R. (2020). Remittances and economic growth: A meta-analysis. *World Development*, 134, 105021
- Dissou Y., Didic S. e Yakautsava T. (2016). Government spending on education, human capital accumulation, and growth. *Economic Modelling*, 58, 9-21
- EL-SAKKA, M. I. T. and MCNABB, R. (1999) The Macroeconomic Determinants of Emigrant Remittances: *World Development* Vol. 27, No. 8, pp. 1493-1502.
- El-Sakka, M.I.T. & McNabb, R. (1999). The Macroeconomic Determinants of Emigrant Remittances. *World Development*, 27 (8), 1493-1502
- Figueiredo, A., Pessoa, A. & Silva, M. (2005). *Crescimento económico*. Copyright by Escolar Editora, Lisboa
- Gamla S. e Lahiri R. (2018). Public and private education expenditures, variable elasticity of substitution and economic growth. *Economic Modelling*, 70, 1-14
- Goschin, Z. (2014) Remittances as an economic development factor. Empirical evidence from the CEE countries: *Procedia Economics and Finance*, 10, 54 – 60
- Guha, P. (2013). Macroeconomic effects of international remittances: The case of developing economies. *Economic Modelling*, 33, 292-305
- Gupta S., Pattillo A. C. & Wagh S. (2009). Effect of Remittances on Poverty and Financial Development in Sub-Saharan Africa. *World Development*, 37 (1), 104-115
- Hathroubi S. and Aloui C. (2016) On interactions between remittance outflows and Saudi Arabian macroeconomy: New evidence from wavelets: *Economic Modelling*, 59, 32-45
- Hien, N., Vinh, C., Mai, T. & Xuyen, L. (2020). Remittances, real exchange rate and the Dutch disease in Asian developing countries. *The Quarterly Review of Economics and Finance*, 77, 131-143
- Imai S. K., Gaiha R., Ali A. & Kaicker N. (2014). Remittances, growth and poverty: New evidence from Asian countries. *Journal of Policy Modeling*, 36 (3), 524-538
- Jones, C. I., (1995). R & D-Based Models of Economic Growth. *Journal of Political Economy*, 103 (4)
- Kadozi, E. (2019). Remittance inflows and economic growth in Rwanda. *Research in Globalization*, 1, 100005
- Loris S. e Gui-Diby (2014). Impact of foreign direct investments on economic growth in africa: Evidence from three decades of panel data analyses. *Research in Economics*, 68 (3), 248-256
- Lucas Jr., R. E. (1988). On the mechanics of economic development. *Journal of Monetary Economics*, 22(1), 3-4

- Meyer D. e Shera A. (2017). The impact of remittances on economic growth: An econometric model. *Economia*, 18 (2), 147-155
- Mondal, R. & Khanam, R. (2018). The impacts of international migrants' remittances on household consumption volatility in developing countries. *Economic Analysis and Policy*, 59, 171-187
- Page, B. (2020). Remittances. *International Encyclopedia of Human Geography*, 2, 403-409
- Pinho T. (2014). Efeitos Diretos e Indiretos das Remessas de Emigrantes no Crescimento Económico. Um estudo de Paineis Aplicado à Economia Mundial, 1980-2011: Faculdade de economia Universidade de Coimbra.
- Rahman A. , Jingdong L. e Imran Hussain (2015). The province-wise literacy rate in Pakistan and its impact on the economy. *Pacific Science Review B: Humanities and Social Sciences*, 1 (3), 140-144
- Randazzo, T. and Piracha, M. (2019) Remittances and household expenditure behaviour: Evidence from Senegal. *Economic Modelling*, 79, 141-153
- Romer, P. M. (1986). Increasing Returns and Long-Run Growth. *The Journal of Political Economy*, 94(5), 1002–1037
- Romer, P. M. (1990). Endogenous Technological Change. *The Journal of Political Economy*, 98(5), 71–102
- Santo, A. (2015). Emigração e os pequenos estados insulares em vias de desenvolvimento: Os casos de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe: Working Paper CEsa CSG134/2015.
- Solow, R.M. (1956). A contribution to the theory of economic growth. *Quart J Econ*, 70, pp. 65-94
- Sua Y. e Liu Z. (2016). The impact of foreign direct investment and human capital on economic growth: Evidence from Chinese cities. *China Economic Review*, 37, 97-109
- UNDESA and OCDE (2013) Migração Mundial em Números: Nações Unidas, Better Policies for Better Lives.
- Vacafleres, D. E. (2018). Are remittances helping lower poverty and inequality levels in Latin America?. *The Quarterly Review of Economics and Finance*, 68, 254-265
- Yoshino, N., Taghizadeh-Hesary, F., & Otsuka, M. (2020). Determinants of international remittance inflow in asia-Pacific middle-income countries. *Economic Analysis and Policy*, 68, 29-43
- Zhang,W., Sadiq, R., Khan, T. M., Khan, M. M. (2021). Policy implications of remittances, trade liberalization and Dutch disease – A comparative analysis based on income categorization. *Resources Policy*, 72, 102088
- Ziesemer, T. H.W. (2012) Worker remittances, migration, accumulation and growth in poor developing countries: Survey and analysis of direct and indirect effects: *Economic Modelling*, 29, 103-118.